

O TESTEMUNHO DOS SANTOS

Além do arcanjo 5. Miguel, o patrono das almas do purgatório é santo Odilão (962-1048) que, na juventude, renunciou a uma grande fortuna para se fazer monge. Abade de Cluny, ele foi o grande reformador e organizador do monaquismo da sua época. «Prefiro que Deus me julgue por demasiada bondade do que por demasiada severidade», era o princípio que ele proclamava.

Durante a grande fome de 1016, mandou distribuir todas as provisões do convento; chegou a vender objectos de culto para poder dar pão. Tinha o hábito de dizer: “Se Cristo verteu o Seu sangue por nós, pobres pecadores, não devemos guardar nada para nós quando há pobres”.

Tinha um amor muito especial pela Igreja Sofredora. A ele devemos a introdução da Comemoração dos Fiéis Defuntos (2 de Novembro).

Santa Brígida, nobre dama sueca, falecida em Roma em 1373, escreveu. “Assim como quem tem fome fica feliz por comer, quem tem sede feliz de beber, quem está nú se alegra por ter roupa e quem está doente por ter um leito onde se possa deitar, também as almas do Purgatório ficam felizes com o bem que fazemos por elas neste mundo e do qual elas aproveitam”.

O Concílio de Trento

Considerando que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo e fundamentando-se nas sagradas Escrituras e na antiga tradição dos Padres nos concílios — incluído o recente Concílio ecuménico — ensina que o Purgatório existe e que as almas que aí estão retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e muito especialmente pelo Santo Sacrifício da Missa, o santo Concílio prescreve aos bispos que velem por que a sã doutrina do Purgatório, recebida dos Padres da Igreja e dos Concílios, seja acreditada, professada e afirmada pelos fiéis e que lhes seja pregada com zelo (Concílio de Trento, Sessão VI. Cf Denzinger 983).

Se alguém disser que, depois de ter recebido a graça da justificação, a falta e a pena são remidas ao pecador arrependido a tal ponto que não lhe fica nenhuma pena temporal neste mundo ou no Purgatório, no outro mundo, antes que lhe seja concedida a entrada no Reino dos céus, que seja anátema (Concilio de Trento, Sessão VI. Cf Denzinger 840).

Aparições de almas do Purgatório a Santos

Limitamo-nos a citar alguns exemplos, para provar que também santos ilustres tiveram aparições de almas do Purgatório.

Santa Margarida Maria Alacoque (1647 — 1690) escreveu na sua autobiografia (edição de 1920, pg 98): “Estava diante do Santíssimo Sacramento e, de repente, apareceu à minha frente uma pessoa toda em fogo. O

seu estado lamentável fez-me compreender claramente que se encontrava no purgatório e verti abundantes lágrimas. Disse-me que era a alma do monge beneditino que tinha ouvido a minha confissão e me tinha permitido ir comungar. Por esse motivo Deus tinha-lhe concedido o favor de poder dirigir-se-me, para que lhe adoçasse a pena. Pediu-me que oferecesse por ele, durante três meses todas as minhas obras e o meu sofrimento. No fim de três meses, vi-o inundado de alegria e de esplendor: ia gozar a felicidade eterna. Agradeceu-me dizendo que velaria por mim junto de Deus”.

S. João Bosco (1815 — 1888) perdeu em 1839 o seu mais íntimo amigo de infância, Luigi Comollo.

“Os dois amigos tinha feito a recíproca promessa, um pouco temerária, de que o primeiro que morresse viria descansar o sobrevivente sobre a sua sorte no outro mundo.

Na noite seguinte ao enterro de Luigi, sentiu-se no dormitório ocupado por vinte seminaristas, um estrondo impressionante. Brilhavam relâmpagos de fogo e depois extinguíam-se. A casa tremia. Uma voz gritou: “Estou salvo!” Os seminaristas ficaram apavorados e nenhum ousou mexer-se até despontar a aurora. Uma história incrível! Mas houve testemunhas que o viram pessoalmente” von Matt, Don Bosco, p.p. 64-65 NZN—Verlag, Zurique.

A grande Santa Gertrudes, abadessa de Hefia, autora da célebre obra “O arauto do amor divino”, falecida por

volta de 1302, viu um dia a alma de um religioso defunto que lhe fez compreender, por gestos, que continuava afastada do seu divino Esposo. Gertrudes perguntou-lhe a causa. Respondeu esta alma: *“É que não estou ainda perfeitamente purificada das manchas deixadas pelos meus pecados. Se Ele me concedesse que entrasse livremente no céu, neste estado, eu não consentiria porque, por muito brilhante que pareça aos teus olhos, sei que ainda não sou uma esposa digna do meu Mestre”*.

Santa Cristina da Bélgica, pastora de Saint Trond, na diocese de Liege, foi chamada também Cristina a Admirável, tantas coisas admiráveis se contam dela, coisas admiráveis que aconteceram durante a sua vida e que as testemunhas atestam. Numa visão foi-lhe concedido contemplar o Céu e o Purgatório. Ela ouviu uma voz dizer-lhe: *“Cristina, tu estás na felicidade do Céu. Dou-te liberdade de escolher: ou morar desde hoje entre os eleitos, ou voltar alguns anos à terra para, por boas obras, ajudares as almas do Purgatório. Se escolheres a primeira alternativa ficas em segurança e não tens mais nada a temer; no outro caso voltas à terra para sofrer um verdadeiro martírio a fim de ajudares os infelizes e embelezares a tua coroa...”*

Cristina respondeu: “Senhor, deixa-me voltar e sofrer pelos defuntos; não tenho medo de nenhuma dor, de nenhuma amargura”. E ela realizou obras expiatórias extraordinárias pelas almas do Purgatório. Muitas de entre elas, entre outras a do conde Luís de Léon,

apareceram-lhe em reconhecimento por tê-las libertado do purgatório.

Santa Perpétua de Cartago. No ano 202, Santa Perpétua foi atirada para a prisão em Cartago. Rezava no cárcere com quatro outros cristãos quando ouviu uma voz pronunciar o nome de Dinocrato, seu irmão defunto, em quem não tinha voltado a pensar depois da sua morte. O rapaz tinha falecido com a idade de sete anos por causa de um tumor canceroso da face.

«Chorei, conta ela, com a recordação da sua morte e compreendi que devia rezar por ele. Foi o que fiz. Na noite seguinte, tive esta visão: na minha prisão vi Dinocrato sair de um local obscuro onde se encontravam também outras pessoas. Estava afogueado, sem fôlego, e coberto de poeira. O seu rosto era macilento, poeirento e ainda sangrava da chaga que lhe tinha causado a morte: uma horrível chaga cancerosa que lhe roera as bochechas a tal ponto que o seu cadáver era uma visão medonha... Havia entre nós dois uma grande distância que me impedia de ir ter com ele. Perto dele estava um tanque cheio de água, mas o bordo era demasiado alto para que ele conseguisse beber, mesmo pondo-se em bicos de pés. Emocionada por ele não poder beber, acordei e compreendi que o meu irmão ainda sofria; mas esperava poder dar-lhe alívio. Rezei por ele o tempo todo, até nos levarem para a prisão do campo, porque estávamos destinados aos jogos que deviam ser dados em honra do imperador Gete. Continuei a rezar e a suplicar noite e dia. No dia em que fomos vergastados,

tive uma outra visão. O lugar escuro onde antes tinha visto Dinocrato, vi-o iluminado. O rapazinho estava vestido com um belo fato, o corpo limpo e lavado de fresco. A chaga do rosto estava curada e só se via a cicatriz. O rebordo do tanque estava tão baixo que ele podia facilmente chegar à água. No bordo havia uma taça cheia de água. Quando saciou a sede, correu a jogar longe do tanque, como fazem as crianças. Quanto a mim, acordei cheia de alegria: compreendi que ele estava livre da sua pena.

Ana Catarina Emmerich (1774-1824). A religiosa da Wessphalia, estigmatizada célebre no mundo inteiro, cujo processo de canonização está em curso, tinha relações frequentes com as almas do Purgatório. Muitas destas pobres almas tinham permissão de lhe aparecer e pediam-lhe socorro. Acompanhada do seu Anjo da guarda ou de um santo, ela podia visitá-las e saber o que cada uma precisava: missas a que a alma não tinha assistido por negligência, ou restituição de bens indevidamente adquiridos. A alma de uma mãe pediu-lhe que tirasse do mau caminho a sua filha ainda viva; a alma de um marido desejava chamar ao bom caminho a mulher que, distraída pela sua irreflexão, não acolhia nenhum aviso interior.

Três anos e meio depois da morte apareceu-lhe a própria mãe de Ana Catarina e conduziu-a a um lugar do Purgatório onde se sofria muito, para lhe pedir ajuda para as almas que lá se encontravam. Como o laço natural de amor entre a mãe e a filha está aqui posto em destaque e iluminado duma claridade sobrenatural pelo

amor das duas ao próximo que sofre!

Luísa Hensel, conhecida poetisa alemã, estava inquieta por causa de uma defunta. Ana Catarina Emmerich, sua amiga, consolou-a com estas palavras: “Acredita que não foi em vão que Cristo ficou três horas suspenso na cruz com tais sofrimentos, e de braços tão abertos. Há muitas mais almas salvas do que nós pensamos”.

Mesmo o olhar que ela lança sobre o Purgatório é consolador: é verdade que vê bem as almas em grande tristeza, mas com alguma coisa no rosto “como se elas tivessem também alegria no coração e pensassem em Deus misericordioso”.

O Museu das almas do Purgatório em Roma

O R. R Réginald Omes escreveu na sua obra “Pode-se entrar em comunicação com os mortos?” (Pattloch-Verlag) “Visitamos muitas vezes o célebre museu das almas do Purgatório, em Roma. Foi fundado em 1900 pelo R. P. Victor Jouet, padre do Sagrado Coração, e também fundador da revista ‘O Purgatório’.”

Este museu oferece aos visitantes uma coleção de documentos autênticos, certamente única no seu género: podem ver-se os traços de fogo deixados por almas do Purgatório em livros de orações, tal como o de Margarete Dammerle d’Erlingen; em missais; em tecidos, tal como a camisa de Joseph Leleux de Mons que tem a impressão queimada de dedos datada de 21 de Janeiro de 1789 ou ainda o capote militar, fortemente chamuscado pelo fogo, de uma sentinela

italiana que, durante uma noite do ano de 1932, fazia a guarda ao Panteão, diante do cenotáfio do rei Humberto 1º (assassinado em 1900), cujo espectro pousou sobre o ombro do soldado uma mão em fogo, depois de lhe ter confiado uma mensagem para Victor Emanuel III... Também aí se pode ver uma cruz perfeitamente traçada pela extremidade de um indicador em fogo. Se admitirmos que tais marcas não são de modo algum o efeito de um acaso, ou de uma trapaça deliberada, é evidentemente bem claro que elas não puderam ser produzidas pelo “fogo” espiritual que envolve as almas do Purgatório: só podem ser explicadas por um milagre de Deus, que criou para esse efeito um elemento capaz de queimar os objetos e neles deixar os seus traços negros, símbolo da “queimadura” espiritual que sofrem as almas depois da morte, durante o seu tempo de expiação.

Citações

Não devemos esquecer, nas nossas orações, nenhum membro do Corpo Místico de Cristo e ainda mais que todos os outros aqueles que se encontram no Purgatório.

(Pio XII, encíclica “Mystici Corporis”)

A caridade estende-se também aos que morreram neste amor (de Deus) porque o amor é a vida da alma, como a alma é a vida do corpo.

(S. Tomás de Aquino)

Como a caridade é o laço que une o conjunto dos membros da Igreja, ela estende-se tanto aos vivos como aos que morreram na caridade. Graças a este elo de caridade, as ofertas dos fiéis podem ser úteis aos defuntos.

(Denis le Charireux)

A ferrugem do pecado é a ganga da alma. Ela é eliminada pelo fogo do Purgatório. Quanto mais se limpa desta ganga, mais a luz do verdadeiro sol — Deus — nela penetra. *(Santa Catarina de Génova)*

Romano Guardini escreveu um dia que haveria pouco a dizer sobre o além se a vida do homem só fosse dividida entre o bem e o mal. Mas o homem é um ser complexo em que o bem e o mal se entrelaçam tão intimamente que muitas vezes são difíceis de separar um do outro (pensemos na parábola do fermento e na do grão, no Evangelho).

O homem é a mais bela criatura de Deus. Deus chamou-o a uma união perfeita. Então, quando esta criatura aparece diante d'Ele, uma vez libertada do que é material, Ele quer vê-la perfeita, absolutamente digna do Seu amor. *(J.-M Szynusíak, s.j.)*

Acordai, vós que dormis! Rezai pelos defuntos. (apelo do guarda nocturno, antigamente, em cidades e aldeias de França).

Nós vivemos dos bens de nossos antepassados e parentes defuntos, e esquecemos facilmente o que lhes devemos, como eles desejam o nosso obrigado e quanto necessitam do nosso socorro. Eles gritam-nos:

“Suporta, sofre, reza, jejua, dá esmola por nós! Oferece por nós o sacrifício da Missa!” (Ana-Catarina Emmerich, religiosa Agostinha)

Esse fogo provará a qualidade da obra de cada um.
(*ICor 3,13*)

Como somos felizes por acabar a nossa vida em paz com Deus! Mas aqui, o que nos tortura, é o desejo de O ver. (*Dante, Purgatório, v 36*)

Deus não muda de natureza: Ele só pode ser santo. Mas, porque é santo, nenhuma alma pode ser feliz no céu sem ser santa. (*Cardeal Newinan*)

Se soubéssemos que poder têm no coração de Deus estas boas almas do Purgatório e se soubéssemos quantas graças podemos obter pela sua intercessão, elas não seriam tão esquecidas! É preciso pedir muito por elas, para que elas peçam muito por nós. (*S. João-Maria Vianney, cura d’Ars*)

A Igreja sofredora do Purgatório

Carta do Papa Pio XI, 21 de Outubro de 1923

Propre Adsunt Dies

Como todos os anos eis que voltam os dias que dão um novo impulso à vida religiosa do povo cristão. Com efeito, durante estes dias de festa, a nossa Mãe Igreja apresenta como modelos aos crentes que peregrinam ainda na terra os seus irmãos, os santos, que atingiram

a felicidade no céu. As cerimónias litúrgicas lembram-nos, em seguida, *“aqueles que nos precederam marcados com o sinal da fé e que dormem em paz”*, os que, antes da purificação completa do Purgatório, segundo o julgamento de Deus, estão ainda afastados desta beatitude. Não há dúvida que a Igreja age assim em perfeita harmonia com o dogma tão consolador da fé católica sobre a comunhão dos santos. Os laços estreitos que nos unem por um lado com os bem-aventurados no céu e por outro com as almas que se purificam no Purgatório, acarretam-nos dois deveres: com os eleitos, rejubilamos pela sua entrada na beatitude celeste e pedimos-lhes que nos protejam e nos ajudem a viver uma verdadeira vida cristã; às almas do Purgatório *“levamos o alívio pela nossa oração de intercessão, sobretudo pelo santo sacrifício da missa”*. Esta obra de misericórdia é particularmente agradável aos santos; na perfeição do seu amor, eles alegram-se por verem aumentar, graças à nossa ajuda, o número dos que partilham a sua bem-aventurança eterna e cantam a bondade e a misericórdia de Deus.

Para um coração normal é quase impossível que a compaixão humana com a sorte dos defuntos desapareça completamente. No entanto, podemos constatar que para a maior parte das pessoas, a recordação dos defuntos, pouco a pouco, esbate-se e até mesmo se extingue; ou então esgota-se em homenagens e testemunhos de afeição que são louváveis, mas que contribuem menos para ajudar as almas do Purgatório do que para consolar os que ficam. Como o nosso

dever, enquanto pai comum dos fiéis, nos impede de excluir a nossa solicitude a quem quer que esteja entre os que nos deixaram, o nosso coração volta-se muito naturalmente, a alguns dias do dia da comemoração dos fiéis defuntos, para a imensa multidão dos nossos filhos que caíram na última guerra mundial, para os que morreram devido a doenças ou ferimentos, assim como pelas vítimas das guerras civis e dos tumultos do pós-guerra. Sim, a recordação desses mortos enche o nosso coração de uma tristeza particularmente dolorosa e temos razões para temer que, por causa da negligência dos seus próximos, eles sejam privados do *socorro amoroso da sua oração e intercessão*. Que dizer ainda das numerosas vítimas dessa imensa catástrofe que, desde o berço, não conheceram os carinhos nem o sorriso de uma mãe? Esses órfãos sem amor, sem casa, que não têm ninguém para os chorar e os recomendar à misericórdia do Pai que está nos céus!

Os defuntos que adormeceram no Senhor e que agora estão livres de toda a hostilidade e de toda a divisão, alegram-se agora e para sempre da sua união estreita com Jesus Cristo, pelo Seu amor e Sua graça, até ao dia em que poderão ter parte na glória eterna prometida a todos os filhos de Deus, *de todas as tribos, línguas, povos e nações* (Ap 14,6; 7,9). Do mesmo modo também nós queremos que as orações e os sacrifícios dos fiéis, para além das diferenças de nacionalidade e de opiniões, sejam oferecidos a Deus em favor de todos os defuntos sem exceção, por todos os que foram vítimas dos acontecimentos que acabamos de

mencionar.

Esta comunidade universal de oração poderá por um lado apressar o acesso destes filhos bem-amados à visão beatífica, e por outro lado enraizar mais o coração dos fiéis no *amor; que é o vínculo da perfeição*. A paz de Cristo poderá assim tomar-se realidade pelo estabelecimento do Reino e irradiar em todo o mundo.

Por isso o nosso voto mais caro, venerável irmão, é que, na ocasião da próxima festa de Todos os Santos, da comemoração dos fiéis defuntos e durante todo o mês de Novembro, se organize na cidade de Roma uma vasta campanha de orações e de sacrifícios pelas intenções que acabamos de evocar. Temos também a firme esperança que o exemplo dos fiéis de Roma será um poderoso estímulo para toda a Igreja católica. Nesta esperança, que é para o nosso coração um grande consolo, conceder-vos de todo o coração, venerável irmão, assim como ao clero e aos fiéis de Roma, como penhor da graça divina e em testemunho do nosso amor paternal, a bênção apostólica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, em 21 de Outubro de 1923, no segundo ano do nosso pontificado. Pio XI,
Papa

Testemunho de um Franciscano

O meu irmão mais velho era um homem de carácter ligeiro e o meu pai era muito severo. Depois da morte do meu pai, o meu irmão disse-me um dia: “Não mandarei dizer missas por meu pai. Se estiver no céu,

não precisa delas. Se estiver no inferno, as missas de nada lhe servirão. E se estiver no Purgatório que fique lá porque bem o mereceu...”

Há alguns anos o meu irmão também morreu. Uma noite vi-o em sonho e disse-me que não precisava de rezar por ele. As minhas orações seriam úteis para outras almas mas não para ele, porque tinha de sofrer o castigo dos seus pecados. Reflecti longamente no que ele me tinha dito, até ao dia em que me lembrei desta palavra do Senhor: “...*com a medida com que medirdes sereis medidos*” (Mt 7, 2). (Padre Gilbert, Convento de Santo António — Rio de Janeiro Carta de 19 de Novembro de 1995)

A bem-aventurada Ana Maria Taigi (1769-1837)

Mãe de muitos filhos, ela foi a alma apaziguadora da sua família levando uma vida de oração mística no meio da agitação da grande cidade de Roma. Teve um grande papel na sua vida uma espécie de sol místico, semelhante à “luz viva” de santa Hildegarda. Nesta luz, ela podia conhecer a situação espiritual de outras pessoas, vivas ou defuntas, assim como os acontecimentos da política mundial contemporâneos e futuros. Ficou especialmente impressionada com a visão de uma obscuridade que virá no fim do mundo.

O amor às almas do Purgatório

As almas sofredoras pediam-lhe, por vezes com insistência, que rezasse por elas, mas a libertação dessas almas causava-lhe sofrimentos de um contínuo

purgatório. Por amor destas almas, ela arrastava-se penosamente até ao cemitério. Fazia as suas visitas ao cemitério 40 dias seguidos, em qualquer estação, sempre descalça, apesar do sol, da chuva, do frio, e da sujidade; em cada sepultura rezava ‘três Requiem e uma oração’... Pedia especialmente pelas almas dos padres defuntos, sentiu uma dor indizível. Mons. Pedicini celebrou em seguida uma segunda missa. Ao Glória, a bem-aventurada viu a alma liberta entrar no céu, e com esta visão ela creu morrer de êxtase. Recomendava às almas libertadas as intenções da Igreja, e do Papa em particular, a quem chamava “o Cristo na terra”, como Santa Catarina de Sena.

Ana descobria tudo nele (na luz do sol místico)

— *A sorte dos defuntos*

A bem-aventurada via no sol a sorte das almas dos defuntos, a duração e a causa dos seus sofrimentos expiatórios.

Nunca dizia o nome das almas condenadas. A Mons. Natali, que lhe dizia que as almas dos danados não têm direito ao amor, ela respondia: “Mas os seus parentes e amigos que ainda estão na terra, têm o direito de ser amados”.

Alguns exemplos: ela viu um padre seu conhecido que tinha sido salvo porque se dominara por causa de um mendigo que o importunava. Foi um acto de virtude que lhe proporcionou outras graças e outras obras meritórias.

Viu também um homem da Igreja que tinha sido muito estimado pela sua diligência, as suas homilias, e o seu zelo apostólico, mas que sofria no Purgatório porque, quando pregava se preocupava mais com o seu renome do que com a glória de Deus.

E ainda uma amiga, que tinha iluminações sobrenaturais, mas que estava no Purgatório porque não tinha guardado silêncio sobre as graças que tinha recebido.

Dois religiosos amigos estavam no Purgatório; um tinha morrido em odor de santidade, o outro com a reputação de um director de consciência altamente estimado. O primeiro tinha dado demasiada importância ao seu próprio julgamento; o segundo tinha sido muito distraído no exercício do seu cargo.

O conde X..., morto apenas dois dias antes, foi salvo apesar da sua vida dissoluta porque tinha perdoado a um inimigo. Mas ainda tinha de continuar no Purgatório tantos anos como os que tinha passado nas vaidades do mundo. Um leigo, aluno de Ana, morto com reputação de grande virtude, foi condenado a uma dura expiação porque tinha adulado personalidades oficiais.

À morte de Leão XII, ela viu os preparativos do seu catafalco; alguns anos depois viu a alma dele como um rubi ainda não purificado pelo fogo. Aquando do serviço fúnebre celebrado pelo rico cardeal Dona, viu que centenas de missas que ele tinha mandado celebrar, não dariam nenhuma ajuda à sua alma. Serviriam

primeiro para os pobres. Ele só receberia ajuda mais tarde. A exemplo de Catarina de Sena ou dos pintores da Idade Média, a bem-aventurada não lisonjeava os grandes deste mundo.

Pelo contrário viu a alma de um irmão capuchinho, Félix de Montefiascone, subir directamente ao céu, bem como a de um outro irmão leigo franciscano, de um noviço jesuíta e de dois padres missionários.

Um dia, quando Ana se confessava com um padre Trinitário, o P. Ferdinand, ela disse-lhe : “O P. Geral dos Trinitários foi massacrado com o seu companheiro, por soldados franceses em Espanha”. Ela descreveu os maus tratos que sofreram. As suas almas de mártires tinham subido ao céu. Um mês mais tarde, cartas de Espanha anunciavam a morte dos dois Trinitários, como Ana tinha descrito.

Muitas vezes as suas visões eram menos consoladoras. “Há tantas almas para consolar! Para os especuladores e os aproveitadores, é muito difícil atingir a salvação”.

Esta verdade continua sendo válida.

(Citado de Albert Bessières S. J., Ana Maria Taigi, Seherin und Prophetin, 4 Auflage, ChristianaVerlag, CH- 8260 Stein am Rhein/Suiça.)

Cf. Maria Simma, *As almas do Purgatório disseram-me*, pp. 127-140